
Recebido: 14-01-2025 | Aprovado: 21-03-2025 | DOI: <https://doi.org/10.23882/rmd.25282>

Competências parentais percebidas: Um estudo comparativo entre as famílias em risco psicossocial e na população em geral

Perceived parenting competences:
A comparative study between psychosocial at-risk families and the
general population.

Carmen Macedo,

Universidade do Algarve, Portugal
(cspmacedo17@gmail.com)

Catarina Moreira,

Universidade do Algarve, Portugal
(ccmoreira@ualg.pt)

Rita dos Santos,

Centro Universitário de Investigação em Psicologia,
Universidade do Algarve, Portugal
(rasantos@ualg.pt)

Cátia Martins,

Centro Universitário de Investigação em Psicologia,
Universidade do Algarve, Portugal
(csmartins@ualg.pt)

Cristina Nunes,

Centro Universitário de Investigação em Psicologia,
Universidade do Algarve, Portugal
(csnunes@ualg.pt)

Resumo:

As competências parentais percebidas são uma dimensão relevante no estudo da parentalidade e que se relacionam com o bem-estar familiar e infantil. O objetivo do presente estudo foi analisar e comparar as competências parentais percebidas entre famílias com menores em risco psicossocial (FR) e a população em geral (FPG), considerando características sociodemográficas e acontecimentos de vida negativos. Foram entrevistados 131 pais acompanhados pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens e 247 pais da população em geral, residentes na região do Algarve. Utilizou-se a Escala de Competências Parentais Percebidas, o Inventário de Acontecimentos de Vida Stressantes e um questionário sociodemográfico. Os níveis de eficácia

parental percebida em ambos os grupos foram muito semelhantes aos observados com pais da FPG, contudo as famílias em risco psicossocial mostraram-se menos satisfeitas com o seu papel parental que as FPG. Os resultados também indicaram associações significativas entre as características familiares e a competência parental no grupo da FPG, bem como diferenças nos valores médios da competência parental consoante o sexo e a idade da criança e o nível de estudos dos pais. Estes resultados realçam a necessidade de promover a satisfação parental e o reajuste da eficácia parental como objetivo nas intervenções psicoeducativas em famílias em risco. São discutidas as implicações para as políticas sociais para este grupo vulnerável.

Palavras-Chave: acontecimentos de vida negativos, competências parentais percebidas, famílias em risco, risco psicossocial.

Abstract:

Perceived parenting Competences are a relevant dimension in the study of parenting and are related to family and child well-being. The aim of the present study was to analyze and compare perceived parenting skills between families with minors at psychosocial risk (FPR) and the general population (FGP), considering sociodemographic characteristics and negative life events. We interviewed 131 parents monitored by the Child and Youth Protection Commissions and 247 parents from the general population living in the Algarve region. We used the Perceived Parental Competence Scale, a Stressful Life Events Scale and a sociodemographic questionnaire. The levels of perceived parental efficacy in both groups were very similar to those observed with FGP parents, however families at psychosocial risk were less satisfied with their parental role than FGP. The results also indicated significant associations between family characteristics and parental competence in the FGP group, as well as differences in the mean values of parental competence depending on the sex and age of the child and the level of education of the parents. These results highlight the need to promote parenting satisfaction and readjustment of parental efficacy as aims in psychoeducational interventions in families at risk. The implications for social policies for this vulnerable group are discussed.

Keywords: at-risk families, negative life events, perceived parenting competences, psychosocial risk.

1. Introdução

A parentalidade é uma das tarefas mais importantes do desenvolvimento do adulto, que envolve o conjunto de atividades intencionais, com o objetivo de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento e educação da criança (Bornstein, 2002; Bornstein et al., 2022; Hoghughi, 2004; Nunes et al., 2019).

O modelo dos determinantes do comportamento parental proposto por Belsky (1984) considera que a competência parental é multideterminada e resulta da conjugação de três fatores, designadamente criança, fatores contextuais (stress e apoio) e progenitor, sendo que a qualidade do comportamento parental dependerá do efeito cumulativo e *continuum*

entre os fatores de risco e de proteção (Harder et al., 2018; Pike et al., 2016) De facto, ser pai e mãe é uma tarefa dotada de exigência e responsabilidades inerentes à heterogeneidade das características dos menores, complexidade dos processos de desenvolvimento e constantes desafios relacionados com o papel dos cuidadores (Bornstein et al., 2022). A competência é considerada um conceito integrador pelo seu caráter multidimensional, bidirecional, dinâmico e contextual (Rodrigo et al., 2009), que se refere à capacidade das pessoas para gerar e coordenar respostas, entre as quais, afetivas, cognitivas, comunicacionais e comportamentais, flexíveis e adaptativas, a curto e a longo prazo, para lidar com as exigências associadas à realização das suas tarefas vitais e, ao mesmo tempo, criar estratégias para aproveitar as oportunidades que emergem dos seus contextos do desenvolvimento (Oliveira & Rodrigues, 2020).

A concetualização proposta por Johnston e Mash (1989) define as competências parentais como o grau em que os pais se sentem eficazes e confiam nas suas capacidades para enfrentar os desafios relacionados com a educação dos seus filhos, cujo sentido envolve a eficácia percebida enquanto figura parental e a satisfação com a sua parentalidade. Nesta perspetiva, a competência parental percebida envolve duas dimensões, a eficácia percebida, que implica o grau em que os progenitores se sentem confiantes para lidar com problemas dos filhos, e a satisfação com o papel inerente à qualidade do afeto associado à parentalidade. Os autores consideram ainda que a eficácia parental consiste numa dimensão instrumental, que reflete o grau de eficiência, capacidade para a resolução de problemas e familiarização com a parentalidade, e a satisfação refere-se a uma dimensão afetiva, que remete para o grau de frustração, ansiedade e motivação associadas ao desempenho do papel de parental.

As competências e incompetências existem em todas as famílias, na medida em que todas lidam com diversos problemas, sejam estes normativos ou inesperados (Bornstein et al., 2022); no entanto, algumas famílias não promovem o bem-estar dos seus membros nem asseguram o seu adequado desenvolvimento. A evidência empírica tem demonstrado que as competências parentais percebidas constituem um importante fator de proteção, com efeitos moderadores ao nível dos fatores de risco, como a depressão materna e o temperamento difícil das crianças (Farkas & Valdés, 2010; Grady & Karraker, 2017;

Hamovitch et al., 2019; You & Bae, 2024), e com efeitos amortecedores dos fatores relacionados com a adversidade das famílias que vivem em contextos desfavoráveis (Ardelt & Eccles, 2001; Jones & Prinz, 2005; Scannell, 2021), com inevitáveis implicações no desenvolvimento psicossocial das crianças (Johnston & Mash, 1989).

As famílias em situação de risco psicossocial tendem a enfrentar graves problemas e a acumular múltiplos acontecimentos de vida stressantes vivendo em contextos carentes de recursos (Ayala-Nunes et al., 2017; López et al., 2007; Scannell, 2021), que dificultam a tarefa educativa dos pais e o exercício adequado das suas competências parentais. A presença de condições psicossociais, como a monoparentalidade, o baixo nível educativo, a precaridade económica e viver em bairros violentos, entre outros fatores, dificultam a tarefa de ser pai e mãe. Contudo, os pais que dispõem de determinadas competências podem não só não comprometer o desenvolvimento dos seus filhos, como inclusivamente favorecer a sua resiliência (Rodrigo et al., 2009). Algumas investigações desenvolvidas com famílias em situação de risco psicossocial inseridas em contextos de dificuldades, apontam para uma visão muito limitada das suas capacidades e competências parentais, com diminuída perceção de autoeficácia (Nunes & Ayala-Nunes, 2017), tendo-se nas últimas décadas verificado um crescente interesse por parte da comunidade científica, no que se refere aos fatores que influenciam a parentalidade, sobretudo relacionado com o abuso de crianças e com a influência exercida sobre o desenvolvimento dos menores (Masten & Shaffer, 2006; Rose et al., 2018).

A análise das competências parentais revela-se crucial para os serviços de promoção e proteção dos menores, de forma a contribuir para uma melhor e adequada avaliação do exercício da parentalidade e, em última análise, tomar decisões que lhes permitam considerar quando necessário o afastamento do menor da sua família (Nunes et al., 2016; Rodrigo et al., 2009). De acordo com este pensamento, o conhecimento científico aprofundado sobre as competências parentais percebidas assume uma importância fundamental, sobretudo em contextos de risco psicossocial, na medida em que permite conhecer as competências dos pais na prevenção de maus-tratos infantis, promoção do desenvolvimento e implementação de programas de intervenção junto destas famílias (Albanese et al., 2019; Mammen et al., 2003; Pérez-Padilla et al., 2017). Assim, o

presente estudo pretendeu analisar e comparar as competências parentais percebidas entre famílias com menores em risco psicossocial e a população em geral, considerando características sociodemográficas (i.e., sexo da criança, nível educativo dos pais) e acontecimentos de vida negativos.

2. Método

2.1. Participantes

A amostra do estudo foi constituída por 131 pais e mães acompanhados pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) da região do Algarve e 247 pais e mães da população em geral, residentes na região do Algarve. Os participantes com menores em risco psicossocial foram selecionados atendendo aos seguintes critérios de inclusão: 1) serem pais e mães de crianças ou jovens acompanhados pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens; 2) as situações de perigo pelos quais foram sinalizados não configuravam gravidade suficiente para a separação do menor da sua família. No que se refere aos pais e mães da população em geral, solicitou-se a técnicos de instituições com intervenção nas áreas da infância, juventude e segurança que procedessem à sua seleção, tendo participado os que concordaram colaborar na investigação.

A amostra das famílias em risco foi constituída por 131 progenitores de crianças e jovens em situação de risco psicossocial, 100 (76.3%) do sexo feminino e 31 (23.7%) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17 e os 68 anos ($M = 39.06$; $DP = 8.59$). O seu perfil educativo caracterizou-se por ser baixo, na medida em que 39.7% dos participantes apresentou estudos primários incompletos, 42% completou os estudos primários, 12.2% concluíram os estudos secundários e, por último, 6.1% integram a categoria de estudos universitários. No que respeita aos menores em situação de risco psicossocial, 70% eram do sexo masculino e 30% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 3 e os 18 anos ($M = 11.03$, $DP = 4.91$).

A amostra das famílias da população em geral era composta por 247 progenitores, 222 (89.9%) do sexo feminino e 25 (10.1%) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 21 e os 58 anos de idade ($M = 38.56$, $DP = 6.88$). Quanto ao perfil educativo, apenas 6.1% dos participantes evidenciou estudos primários incompletos, 30,8% concluiu os estudos primários, 37.2% completou os estudos secundários e 25.9% apresentou estudos universitários. Relativamente aos menores, verificou-se que 51.4% eram do sexo

feminino e 48.6% do sexo masculino, com idades entre 1 e 18 anos ($M = 9.61$, $DP = 4.61$). Na continuação do descrito, observou-se uma independência significativa entre as famílias da população em geral e as famílias em risco, no que respeita ao nível educativo dos pais ($\chi^2 (1, 378) = 235.72$, $p = .001$), em que as famílias da população em geral apresentaram um perfil mais elevado do que as famílias em risco.

2.2. Instrumentos

Competências Parentais Percebidas. Foi utilizada a escala *Parental Sense of Competence Scale* (PSOC), originalmente desenvolvida por Gibaud-Wallston e Wandersman (1978), posteriormente adaptada por Johnston e Mash (1989), e cuja versão foi adaptada e traduzida para o português por Nunes e colaboradores (2023). Esta escala pretende avaliar a competência parental percebida como pai ou mãe através de duas dimensões: a eficácia e a satisfação, procurando verificar o nível de satisfação e de eficácia percebida dos pais em relação à sua capacidade de educar e de cuidar dos seus filhos. A dimensão “Eficácia” é constituída por 7 itens que avaliam em que medida os progenitores se sentem competentes no papel de mãe/pai (e.g.: “Apesar de ser difícil, eu já sei como se pode influenciar os filhos”). Por sua vez, a subescala “Satisfação” apresenta 9 itens e visa determinar em que medida os progenitores se sentem satisfeitos com o seu papel de pai/mãe (e.g.: Com a idade que o meu filho tem, ser mãe não é agradável”). O questionário é constituído por 16 itens, cujas respostas podem variar numa escala de 1 “Não, discordo totalmente” a 6 “Sim, concordo totalmente”, sendo que as pontuações para a dimensão Eficácia podem oscilar entre 7 e 42 pontos e para a dimensão Satisfação podem variar entre 9 e 54 pontos. A soma dos itens permite obter duas pontuações quantitativas distintas, que indicam que quanto maior o valor obtido, maior é o nível da dimensão correspondente, pelo que pontuações superiores correspondem a uma perceção mais elevada de eficácia e satisfação parental. Johnston e Mash (1989) obtiveram valores de coeficiente alfa de Cronbach para a subescala Eficácia Parental ($\alpha = .76$) e para a subescala Satisfação Parental ($\alpha = .75$). Neste estudo, a análise de fiabilidade do instrumento permitiu-nos obter valores de consistência interna adequados na amostra de famílias população em geral e de risco na dimensão Eficácia Parental ($\alpha = .69$ e $\alpha = .74$), e na dimensão Satisfação Parental ($\alpha = .82$ e $\alpha = .72$).

Acontecimentos de vida negativos. Foi utilizado o Inventário de Situações Stressantes e de Risco (Nunes & Lemos, 2010), versão portuguesa do *Inventario de Situaciones Estresantes y de Riesgo* (ISER) de Hidalgo et al. (2005). Este instrumento inclui 24 itens e avalia os fatores de risco, ou seja, a existência e o impacto de acontecimentos de vida especialmente difíceis ocorridos no passado (8 itens; e.g., “Maltrato na infância”, “Precariedade económica”) e no presente (16 itens; e.g., “Ser vítima de maltrato”, “Situação económica bastante difícil”), ao sujeito ou a alguém do seu ambiente próximo, respondidos numa escala de 1 a 3 pontos (1 = “afetou-me pouco”; 2 = afetou-me bastante”; 3 = “afetou-me muitíssimo”). Este inventário permitiu, ainda, obter índices sobre a acumulação de situações de risco e da vulnerabilidade emocional associada. No presente estudo foram obtidos índices de consistência interna aceitáveis no grupo das famílias da população em geral ($\alpha_{\text{Próprio}} = .69$, $\alpha_{\text{Família}} = .72$) e nas famílias de risco ($\alpha_{\text{Próprio}} = .60$, $\alpha_{\text{Família}} = .67$).

Questionário Sociodemográfico e Familiar, para levantamento de informações acerca dos pais (i.e., idade, sexo, tipo de trabalho, rendimento familiar) e dos menores (i.e., idade, sexo).

2.3. Procedimentos

Após a obtenção das autorizações e o consentimento informado dos participantes no estudo, realizou-se a recolha dos dados, do grupo de famílias de risco, através de uma entrevista, no domicílio familiar ou na sede das CPCJs, de acordo com parecer técnico e disponibilidade dos participantes. A recolha dos dados do grupo de comparação, famílias da população em geral, foi realizada através da formalização de protocolos de colaboração com Agrupamentos de Escolas, Guarda Nacional Republicana, Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários e Centros de Saúde da região do Algarve. Os participantes foram contactados pelos técnicos das instituições, tendo sido esclarecidas todas as instruções para o preenchimento das folhas de resposta dos instrumentos, existindo possibilidade de clarificação de dúvidas ao longo da aplicação. A participação foi voluntária e sem compensação.

2.4. Plano de Análise

Os dados foram analisados com o software SPSS v29 (IBM SPSS, 2024).

As diferenças entre os grupos de pais quanto às competências parentais percebidas foram avaliadas através de uma MANOVA após validação dos pressupostos de normalidade multivariada e homogeneidade das matrizes de variância-covariância entre os grupos. Foram avaliados os pressupostos de normalidade, *outliers* multivariados (pela distância de Mahalanobis), multicolinearidade e homogeneidade de variância-covariância entre os grupos (Field, 2024). Recorreu-se à ANOVA ($p < .05$) para comparação dos valores médios entre grupos, considerando as duas condições de aplicação (i.e., grupos > 30 participantes e homogeneidade de variâncias, medidas com recurso ao Teste de Levene e, quando esta condição não se verificava [$p < .05$], recorreu-se à versão corrigida com o teste Brown-Forsythe). Foi ainda calculado o η^2 como medida de magnitude de efeito, sendo que valores de .01 foram considerados de efeito pequeno, .06 de efeito moderado e .14 como um efeito grande. As correlações de Pearson ($p < .05$) foram utilizadas para analisar as associações entre variáveis escalares, sendo que valores inferiores a .20 foram considerados espúrios, entre .20 -.40 pequena magnitude, .40 -.60 moderada, entre .60 -.80 de elevada magnitude e acima de .80 como muito elevada. A consistência interna foi medida através do alfa de Cronbach e considerada adequada acima de .70 e as correlações item-total corrigidas quando acima de .30 (Tabachnick & Fidell, 2019).

3. Resultados

3.1. Competências Parentais Percebidas

Os resultados do estudo mostram que as competências parentais percebidas (PSOC), consideradas pelas subescalas de eficácia e satisfação parental, apresentam correlações significativas entre si, pequenas no grupo de famílias população em geral ($r = .36, p < .001$) e moderadas no grupo de famílias de risco ($r = .42, p < .001$) (Tabela 1). As famílias da população em geral apresentam níveis médios elevados de eficácia parental ($M = 30.12, DP = 4.50, Min = 18, Max = 42$), sendo a pontuação máxima possível nesta subescala de 42 pontos e a mínima de 7 pontos. No que se refere à subescala satisfação parental, as famílias população em geral demonstram também níveis médios elevados de satisfação com o seu papel parental ($M = 38.41, DP = 7.23, Min = 15, Max = 54$), verificando-se

que a pontuação máxima possível é de 54 e a mínima de 9 pontos. Por sua vez, as famílias em situação de risco psicossocial evidenciam também níveis médios elevados na subescala eficácia parental ($M = 31.02$, $DP = 5.99$, $Min = 14$, $Max = 42$). No que respeita à subescala satisfação parental, as famílias de risco mostram níveis médios ($M = 33.51$, $DP = 7.60$, $Min = 14$, $Max = 50$) de satisfação com o seu papel parental.

Tabela 1

Descritivos das dimensões das competências parentais percebidas nas famílias população em geral e em risco psicossocial ($n_{norm} = 244$, $n_{risc} = 125$)

	1	2
1. Eficácia	-	.36***
2. Satisfação	.42***	-
M_{Norm} (DP)	30.12 (4.50)	38.41 (7.23)
Min - Max	18 - 42	15 - 54
M_{Risco} (DP)	31.02 (5.99)	33.51 (7.60)
Min - Max	14 - 42	14 - 50

Nota. M = Média, DP = Desvio-padrão, Norm = Famílias da população em geral, Risco = Famílias em risco psicossocial, Min = Mínimo, Max = Máximo, * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$. No quadrante superior direito apresentam-se as correlações do grupo normativo e no inferior esquerdo as do grupo de risco.

Na tabela 2, podemos observar no quadrante superior direito as correlações entre as competências parentais percebidas, os acontecimentos de vida stressantes e de risco e as variáveis sociodemográficas no grupo de famílias população em geral. No quadrante inferior esquerdo apresentamos as correlações das dimensões analisadas no grupo de famílias de risco. No que diz respeito ao grupo de famílias população em geral, a satisfação parental está negativamente correlacionada com os acontecimentos de vida stressantes e de risco ($r = -.21$; $p = .005$), e positivamente relacionada com o tipo de trabalho ($r = .19$; $p = .007$) e rendimentos familiares ($r = .23$; $p = .001$). Porém, estas associações são fracas ($r < .40$). Por sua vez, os acontecimentos de vida stressantes e de risco apresentam associações negativas com o tipo de trabalho ($r = -.17$; $p = .026$) e

rendimentos familiares ($r = -.22$; $p = .006$). Contudo, estas associações apresentam uma fraca magnitude ($r < .40$). O tipo de trabalho dos progenitores está positiva e fortemente correlacionado com os rendimentos familiares ($r = .50$; $p = .000$).

No que diz respeito ao grupo de famílias de risco, não observámos a existência de correlações estatisticamente significativas entre as respetivas dimensões analisadas (i.e., competências parentais percebidas, acontecimentos de vida stressantes e de risco e variáveis sociodemográficas).

Tabela 2

Correlações entre as competências parentais percebidas, os acontecimentos de vida stressantes e de risco e as variáveis sociodemográficas nas famílias população em geral e em risco ($n_{risc} = 129$, $n_{norm} = 244$)

	1	2	3	4	5
1. Eficácia	-	.36***	.11	.08	.04
2. Satisfação	.42***	-	-.21**	.19**	.23**
3. AVS (atual e passado)	-.14	.12		-.17*	-.22**
4. Tipo de trabalho	-.20	.08	-.23	-	.50***
5. Rendimentos familiares	-.02	-.03	-.08	.21	-

Nota. No quadrante superior direito apresentam-se as correlações do grupo normativo e no inferior esquerdo as do grupo de risco. AVS = Acontecimentos de Vida Stressantes, * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

3.2. Diferenças nos níveis de Competências Parentais Percebidas (Eficácia e Satisfação Parental), nas Famílias População em geral e em Risco, em função das características demográficas

Na Tabela 3, são apresentados os resultados da comparação multivariada entre ambos os grupos de pais, controlando a idade e o sexo da criança e o nível de estudos dos pais.

As famílias em situação de risco psicossocial sentem-se mais eficazes que as famílias população em geral, contudo não foram observadas diferenças significativas entre os grupos de famílias ($F [1, 369] = 3.41$, ns), controlando o sexo e a idade da criança e o nível educativo dos pais. Por sua vez, observou-se diferenças significativas na dimensão satisfação parental entre os grupos de famílias. As famílias da população em geral sentem-se significativamente mais satisfeitas com o seu papel parental do que as famílias de risco ($F [1, 369] = 17.71$, $p \leq .001$), mesmo controlando o sexo e a idade da criança e o nível educativos dos pais.

Os nossos resultados indicam a existência de uma interação entre as variáveis sociodemográficas, nomeadamente a idade da criança e o nível educativo dos pais e as competências parentais percebidas. Os pais com mais estudos sentem-se significativamente mais satisfeitos ($F [1, 369] = 5.53, p = .030$) e os pais com crianças mais novas (0-6 anos) sentem-se significativamente mais satisfeitos do que os pais com adolescentes mais velhos (13-18 anos) ($F [1, 369] = 3.55, p = .019$).

Tabela 3

Comparação das dimensões das competências parentais percebidas nas famílias população em geral e em risco ($n_{\text{risc}} = 125, n_{\text{norm}} = 244$)

	<i>F</i>	η^2
<i>Variáveis de controlo</i>		
Sexo da criança	2.44	
Idade da criança	3.55*	.02
Nível educativo dos pais	5.53**	.03
<i>Grupo</i>	15.47***	.08
Eficácia parental	3.41	
Satisfação parental	17.71***	

Nota. *F* = Estatística teste, η^2 = Magnitude de efeito, * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Na tabela 4, verificamos diferenças significativas na subescala eficácia parental ($F [1, 373] = 3.85, p = .050, \eta^2 = .01$), em função do sexo da criança. Contudo, o tamanho do efeito é pequeno. Constatamos que os progenitores com menores do sexo feminino ($M = 30.98, DP = 4.65$) apresentam níveis mais elevados de eficácia parental que os progenitores com menores do sexo masculino ($M = 29.94, DP = 5.40$).

Tabela 4.

Comparação das médias e desvio-padrão nas dimensões das competências parentais percebidas em função do sexo da criança

	Feminino (n = 165)		Masculino (n = 210)		F	p	η^2
	M	DP	M	DP			
Eficácia	30.98	4.65	29.94	5.40	3.85	.050	.010
Satisfação	37.39	7.70	36.14	7.81	2.37	.125	.006

Nota. M = Média, DP = Desvio-padrão, F = Estatística teste, p = Significância, η^2 = Magnitude de efeito. Através da tabela 5, podemos observar diferenças significativas na subescala satisfação parental ($F [2, 368] = 5.09$, $p = .007$, $\eta^2 = .03$), segundo a idade do menor, com um tamanho de efeito pequeno. Os progenitores com crianças mais novas (0 - 6 anos) evidenciam níveis mais elevados de satisfação parental comparativamente com os progenitores de adolescentes mais velhos (13 - 18 anos).

Na subescala eficácia parental, apesar do nível de significância considerado ser inferior ao pretendido ($p < .05$), observa-se um tamanho de efeito pequeno ($F (2, 372) = 2.70$, $p = .069$, $\eta^2 = .01$), verificando-se que os progenitores com crianças mais novas (0 - 6 anos) revelam níveis mais elevados de eficácia parental do que os progenitores com adolescentes mais velhos (13 - 18 anos).

Tabela 5

Comparação das médias e desvio-padrão nas dimensões das competências parentais percebidas segundo a idade da criança

	0-6 anos (n = 84)		7-12 anos (n = 156)		13-18 anos (n = 136)		F	p	η^2
	M	DP	M	DP	M	DP			
Eficácia	31.48	4.71	30.28	5.04	29.86	5.34	2.70	.069	.014
Satisfação	38.84	7.03	36.68	7.47	35.41	8.29	5.09	.007	.027

Nota. M = Média, DP = Desvio-padrão, F = Estatística teste, p = Significância, η^2 = Magnitude de efeito.

Na tabela 6, constatamos diferenças significativas na subescala satisfação parental ($F(1,370) = 23.34, p \leq .001, \eta^2 = .06$), em função nível educativo dos progenitores, com moderada magnitude. Os progenitores com níveis educativos mais elevados (secundário ou mais) mostram-se mais satisfeitos com o seu papel parental que os progenitores com níveis educativos mais baixos (até secundários).

Tabela 6

Comparação das médias e desvio-padrão nas dimensões das competências parentais percebidas em função do nível educativo dos progenitores

	Até secundários (<i>n</i> = 205)		Secundário ou mais (<i>n</i> = 171)		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Eficácia	30.71	5.39	30.05	4.74	1.58	.210	.004
Satisfação	34.98	7.67	38.77	7.39	23.34	.000	.059

Nota. *M* = Média, *DP* = Desvio-padrão, *F* = Estatística teste, *p* = Significância, η^2 = Magnitude de efeito.

4. Discussão

A competência parental é multideterminada e depende de diversos fatores (Belsky, 1984), envolvendo a eficácia percebida enquanto figura parental e a satisfação com a sua parentalidade (Johnston & Mash, 1989). O presente estudo apresentou como objetivo analisar e comparar as competências parentais percebidas entre famílias com menores em risco psicossocial (FR) e a população em geral (FPG), considerando características sociodemográficas (i.e., sexo da criança, nível educativo dos pais) e acontecimentos de vida negativos.

No que se refere à comparação das competências parentais percebidas, eficácia e satisfação parental entre as FR e da FPG, os resultados apresentam correlações baixo-moderadas significativas entre si, mostrando que, embora exista uma relação, esta apresenta limitações (Nunes et al., 2023). Investigações anteriores relataram associações positivas entre a eficácia parental e a satisfação parental (Coleman & Karraker, 2000, 2003; Gilmore & Cuskelly, 2008; Johnston & Mash, 1989; Nunes et al., 2023; Rogers e Matthews, 2004), como esperado.

No global, os valores médios encontrados nos dois grupos são médio-elevados na sua percepção de eficácia e satisfação com o seu papel parental. Este resultado vai ao encontro do reportado noutros estudos (e.g., Nunes et al., 2023), embora os valores médios encontrados na presente investigação sejam mais elevados em ambos os grupos. Uma análise mais detalhada revela que, ao nível da eficácia, as FR apresentam níveis ligeiramente mais elevados, enquanto na satisfação são as FPG as que evidenciam percepções mais positivas. Outras investigações têm relatado níveis médios de satisfação e eficácia nas FPG (Coleman & Karraker, 2003; Gilmore & Cuskelly, 2008; Johnston & Mash, 1989), enquanto as FR se mostravam menos satisfeitas (Evans et al., 2013; Hickey et al., 2019; Johnston & Mash, 1989; Pérez et al., 2010). No contexto português, Ayala-Nunes e colaboradores (2014), no estudo realizado com mães de famílias em risco psicossocial do Algarve, observaram que os níveis de competências parentais percebidas destas famílias não diferiam significativamente dos da FPG. Contudo, Nunes et al. (2023), na sua investigação de validação do PSOC, reportaram níveis mais baixos nas dimensões de satisfação e de eficácia das FR, comparativamente às da FPG. Assim, por um lado, as FR podem apresentar uma visão distinta do que é ser uma mãe ou um pai competente, daquela que é partilhada por outros grupos sociais, contribuindo para uma visão idealizada das suas competências (Martín Quintana et al., 2015; Martín et al., 2004; Menéndez et al. 2010; Nunes et al., 2023) e, por outro lado, também não se pode descartar a possibilidade de desejabilidade social, que estas famílias tenham referido sentir-se mais eficazes do que se sentem na realidade (Nunes & Ayala-Nunes, 2017; Kaasbøll et al., 2024). Assim, estes resultados parecem demonstrar a faceta multideterminada da competência parental (e.g., Belsky, 1984; Harder et al., 2018; Nunes et al., 2023; Pike et al., 2016).

Neste seguimento, procedeu-se à associação entre as competências parentais percebidas, os acontecimentos de vida stressantes e de risco e características das famílias. Os resultados encontrados mostraram que ao nível das FR, as dimensões selecionadas não apresentaram uma relação significativa. Considerando que as FR lidam diariamente com diversas adversidades, como a pressão económica, desemprego e ausência de apoio social, era esperado encontrarem-se associações (nomeadamente negativas) com os fatores selecionados (i.e., acontecimentos de vida stressantes, tipo de trabalho e rendimentos familiares). Porém, o sucesso de criar e educar os seus filhos, apesar das

inúmeras dificuldades e limitações, pode contribuir para aumentar o seu sentimento de eficácia parental e atenuar o mal-estar psicológico devido às situações de vida adversas (Ayala-Nunes et al., 2014; Dunst, 2023).

No tocante às FPG, a satisfação parental se associava positivamente com um tipo de trabalho mais estável e com rendimentos familiares mais elevados, e negativamente com a presença de acontecimentos de vida stressantes. Alguns autores afirmam que os progenitores afetados pelos acontecimentos de vida negativos apresentam menos predisposição para a parentalidade e uma menor satisfação parental, podendo não perceber a sua experiência como agradável (Coleman & Karraker, 1998; Correia et al., 2022; Hickey et al., 2019). Contudo, há que ter em conta que as investigações têm vindo a revelar que subjacente às fortalezas pessoais e das famílias, se encontram como inúmeros fatores psicológicos associados ao bem-estar (e.g., Dunst, 2023; Dunst et al., 2021).

Procedeu-se então à comparação dos níveis de eficácia e satisfação parental controlando o sexo e idade da criança, e o nível educativo dos pais. Ao nível do sexo da criança, os progenitores com menores do sexo feminino apresentaram níveis mais elevados de eficácia parental do que os progenitores com menores do sexo masculino. Este resultado vai ao encontro de inúmeros outros estudos (e.g., Chang et al., 2015; Glatz & Buchanan, 2023; Holloway et al., 2016; Nunes & Ayala-Nunes, 2017).

Outro resultado importante foi que os pais com crianças mais novas (0-6 anos) se sentiam mais satisfeitos do que os demais. Assim, os pais de adolescentes referem sentir-se menos satisfeitos com o exercício da parentalidade e acreditam menos nas suas competências do que os pais de crianças (Deković, 1999). Estes resultados vão ao encontro, por exemplo, do estudo realizado por Jiménez e colaboradores (2009), que verificou que as mães de crianças apresentaram níveis mais elevados de satisfação parental comparativamente às mães de adolescentes, não tendo, porém, sido observadas diferenças significativas na eficácia parental em função da idade dos menores. No global, esta diferença na perceção dos pais tem sido frequentemente reportada (e.g., Ardelt & Eccles, 2001; Egberts et al., 2015; Glatz & Trifan, 2019; Glatz et al., 2018), o que poderá estar associado, entre outros fatores, com a comunicação e o envolvimento dos pais no quotidiano dos seus filhos, existindo necessidades diferentes consoante as suas idades (e.g., Boonk et al., 2018).

Considerando que alguns estudos têm demonstrado associações positivas entre o nível educativo dos pais e as competências parentais percebidas (Teti & Gelfand, 1991) e a satisfação parental (Coleman & Karraker, 2000; Garrido & Grimaldi, 2010; Gilmore & Cuskelly, 2008; Seabra-Santos et al., 2015), procedeu-se à comparação entre pais com e sem nível superior (i.e., universitário). Os resultados não revelaram diferenças significativas ao nível da eficácia, mas sim ao nível da satisfação. Uma revisão sistemática desenvolvida por Fang e colegas (2021), sobre os fatores associados à autoeficácia parental, reportou que a este nível alguns estudos não reportaram a existência de associação. No tocante à satisfação parental, alguns estudos têm revelado importantes relações (e.g., Bornstein et al., 2003), nomeadamente ao nível de uma moderação (e.g., Shao et al., 2022).

No global, com o presente estudo pretendeu-se explorar as diferenças e relações entre os níveis de eficácia e satisfação parental, dimensões inerentes à perceção de competência parental, numa amostra de pais em situação de risco psicossocial e outra da população em geral. Uma vez que a literatura apresentava algumas condições como importantes e afetando os níveis de competência parental, nomeadamente a idade e o sexo da criança, o nível de estudos dos pais, acontecimentos de vida stressantes e condições socioeconómicas (i.e., rendimento familiar e tipo de trabalho), procedeu-se a uma análise mais detalhada com estes fatores. Neste sentido, considera-se que os resultados encontrados poderão ser importantes para técnicos e investigadores a trabalhar com famílias, da comunidade em geral ou em situações de risco psicossocial, (re)conhecerem que os níveis de eficácia e de satisfação parental poderão apresentar percursos ligeiramente distintos, bem como alguns dos fatores que os poderão afetar. De destacar que este estudo é um dos poucos que inclui pais, para além de mães, bem como o facto da sua dimensão amostral ser robusta (atendendo ao tipo de população em estudo e dificuldades reportadas noutros estudos; Reichman et al., 2001).

Relativamente às limitações desta investigação, há que identificar, em primeiro lugar, que o desenho transversal não permitiu estabelecer a direção de causalidade entre as variáveis estudadas. Em segundo lugar, a localização geográfica da amostra não permite uma generalização dos resultados para outras regiões. Embora o tamanho da amostra seja robusto, pesquisas futuras poderiam incluir mais pais na amostra para permitir uma análise mais profunda das diferenças entre pais e mães.

A avaliação das competências parentais constitui uma tarefa crucial no quadro da proteção da infância, que implica a identificação e análise rigorosa da complexidade dos diferentes fatores de risco e protetores com vista à promoção do bem-estar e desenvolvimento da criança e eliminar qualquer situação que consubstancie formas de maus-tratos, da qual dependerão em grande parte as decisões legais e respetivas intervenções subsequentes (Seabra-Santos, 2015; Kaasbøll et al., 2024; Krutzinna & Skivenes, 2021; Nunes & Ayala-Nunes, 2019; García-Pole et al., 2019).

5. Conclusões

A investigação, a compreensão e a ativação das competências das famílias, nomeadamente em risco psicossocial, constitui uma dimensão fundamental e um importante instrumento de trabalho, quer ao nível da elaboração de programas de apoio, quer ao nível das intervenções dirigidas à promoção de uma parentalidade positiva, particularmente com vista à preservação familiar, que devem ser direcionadas e orientadas, não apenas para evitar a retirada da criança do seu ambiente familiar, como também promover o fortalecimento das competências parentais. Neste sentido, consideramos que o presente estudo poderá contribuir para conhecimento das competências parentais.

Referências bibliográficas

- Albanese, A. M., Russo, G. R., & Geller, P. A. (2019). The role of parental self-efficacy in parent and child well-being: A systematic review of associated outcomes. *Child: Care, Health and Development*, 45, 333–363. <https://doi.org/10.1111/cch.12661>
- Ardelt, M., & Eccles, J. S. (2001). Effects of mothers' parental efficacy beliefs and promotive parenting strategies on inner-city youth. *Journal of Family Issues*, 22, 944–972. <https://doi.org/10.1177/019251301022008001>
- Ayala-Nunes L., Lemos, I., & Nunes, C. (2014). Predictores del estrés parental en madres de familias en riesgo psicossocial. *Universitas Psychologica.*, 13(2), 15-25. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY13-2.pepm>
- Ayala-Nunes, L., Nunes, C., & Lemos, I. (2017). Social support and parenting stress in at-risk Portuguese families. *Journal of Social Work*, 17(2), 207–225. <https://doi.org/10.1177/1468017316640200>
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55(1), 83–96. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1984.tb00275.x>

- Boonk, L., Gijselaers, H. J. M., Ritzen, H., & Brand-Gruwel, S. (2018). A review of the relationship between parental involvement indicators and academic achievement. *Educational Research Review*, 24, 10–30. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2018.02.001>
- Bornstein, M. (2002). Preface. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume. 3: Being and becoming a parent* (pp. xv-vxii). Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Bornstein, M. H., Hendricks, C., Hahn, C.-S., Haynes, O. M., Painter, K. M., & Tamis-LeMonda, C. S. (2003). Contributors to self-perceived competence, satisfaction, investment, and role balance in maternal parenting: A multivariate ecological analysis. *Parenting: Science and Practice*, 3 (4), 285–326. https://doi.org/10.1207/s15327922par0304_2
- Bornstein, M. H., Kotler, J. A., & Lansford, J. E. (2022). The Future of Parenting Programs: An Introduction. *Parenting*, 22(3), 189–200. <https://doi.org/10.1080/15295192.2022.2086808>
- Chang, F.-C., Lee, C.-M., Miao, N.-F., Lin, S.-H., Lung, C.-N., Liao, H.-J., Lee, S.-C., & Zeng, W.-T. (2015). Parental efficacy and adolescent competence skills associated with adolescent substance use. *Journal of Substance Use*, 20(2), 85–92. <https://doi.org/10.3109/14659891.2013.859752>
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1998). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review*, 18, 47–85. <https://doi.org/10.1006/drev.1997.0448>
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (2000). Parenting self-efficacy among mothers of school-age children: conceptualization, measurement, and correlates. *Family Relations*, 49(1), 13–24. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00013.x>
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (2003). Maternal self-efficacy beliefs, competence in parenting, and toddlers' behavior and developmental status. *Infant Mental Health Journal*, 24 (2), 126–148. <https://doi.org/10.1002/imhj.10048>
- Correia, A., Matavelli, R., Cunha, F. F., Hidalgo, V., de Jesus, S. N., & Nunes, C. (2022). Family Education and Support Programme: Implementation and Cultural Adaptation in Cape Verde. *Social Sciences*, 11, 232. <https://doi.org/10.3390/socsci11060232>
- Deković, M., (1999). Risk and protective factors in the development of problem behavior during adolescent. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(6), 667–685. <https://doi.org/10.1023/A:1021635516758>
- Dunst, C. J. (2023). Meta-Analyses of the Relationships between Family Systems Practices, Parents' Psychological Health, and Parenting Quality. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(18), 6723. <https://doi.org/10.3390/ijerph20186723>

- Dunst, C. J., Serrano, A. M., Mas, J. M., & Espe-Sherwindt, M. (2021). Meta-analysis of the relationships between family strengths and parent, family and child well-being. *European Journal of Applied Positive Psychology*, 5(5), 2397-7116. <https://www.nationalwellbeingservice.org/volumes/volume-5-2021/volume-5-article-5/>
- Egberts, M. R., Prinzie, P., Deković, M., de Haan, A. D., & van den Akker, A. L. (2015). The prospective relationship between child personality and perceived parenting: Mediation by parental sense of competence. *Personality and Individual Differences*, 77, 193–198. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.12.046>
- Evans, G. W., Li, D., & Whipple, S. S. (2013). Cumulative Risk and Child Development. *Psychological Bulletin*, 139(6), 1342–1396. <https://doi.org/10.1037/a0031808>
- Fang, Y., Boelens, M., Windhorst, D. A., Raat, H., & Grieken, A. (2021). Factors associated with parenting self-efficacy: A systematic review. *Journal of Advanced Nursing*, 77(6). <https://doi.org/10.1111/jan.14767>
- Farkas, C., & Valdés, N. (2010). Maternal stress and perceptions of self-efficacy in socioeconomically disadvantaged mothers: An explicative model. *Infant Behavior and Development*, 33(4), 654-662. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2010.09.001>
- Field, A. (2024). *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics (7^a ed.)*. Sage Publications.
- García-Poole, C., Byrne, S., & Rodrigo, M.-J. (2019). Implementation Factors that Predict Positive Outcomes in a Community-based Intervention Program for at-Risk Adolescents. *Psychosocial Intervention*, 28(2), 57–65. <https://doi.org/10.5093/pi2019a4>
- Garrido, M. F., & Grimaldi, V. P. (2010). *Evaluación del riesgo psicosocial en familias usuarias del servicio público de servicios sociales de Andalucía*. Consejería para la Igualdad y Bienestar Social.
- Gibaud-Wallston, J. & Wandersman, L. P. (1978). Development and utility of the parenting sense of competence scale [Conference presentation]. *The annual meeting of the American Psychological Association*. American Psychological Association, Toronto, Canada.
- Gilmore, L. A., & Cuskelly, M. (2008). Factor structure of the parenting sense of competence scale using a normative sample. *Child: Care, Health and Development*, 38(1), 48-55. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2008.00867.x>
- Glatz, T., & Buchanan, C. M. (2023). Exploring how adolescent boys' and girls' internalizing and externalizing behaviors impact parental self-efficacy: A vignette study. *Family Relations*, 72(1), 347–360. <https://doi.org/10.1111/fare.12696>
- Glatz, T., & Trifan, T. A. (2019). Examination of Parental Self-Efficacy and Their Beliefs About the Outcomes of Their Parenting Practices. *Journal of Family Issues*, 00(0), 1–25. <https://doi.org/10.1177/0192513X19835864>

- Glatz, T., Crowe, E., & Buchanan, C. M. (2018). Internet-specific parental self-efficacy: Developmental differences and links to Internet-specific mediation. *Computers in Human Behavior*, 84, 8–17. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.02.014>
- Grady, J. S., & Karraker, K. (2017). Mother and child temperament as interacting correlates of parenting sense of competence in toddlerhood. *Infant and Child Development*, 26(4), e1997. <https://doi.org/10.1002/icd.1997>
- Hamovitch, E. K., Acri, M. C., & Bornheimer, L. A. (2019). An analysis of the relationship between parenting self-efficacy, the quality of parenting, and parental and child emotional health. *Journal of Family Social Work*, 22(4-5), 337–351. <https://doi.org/10.1080/10522158.2019.1635939>
- Harder, A. T., Knorth, E. J., Kalverboer, M. E., Tausendfreund, T., & Knot-Dickscheit, J. (2018). Parental perspectives: Risk and protective factors associated with parenting quality for parents of adolescents in secure residential care. *Child & Family Social Work*, 23(4), 549–557. <https://doi.org/10.1111/cfs.12404>
- Hickey, G., McGilloway, S., Leckey, Y., Furlong, M., Leavy, S., Stokes, A., O'Connor, S., Bywater, T., & Donnelly, M. (2019). Mothers' well-being, parenting attitudes, and home environment: Cumulative risk and parity in early motherhood. *Child: Care, Health and Development*, 45(4), 523–530. <https://doi.org/10.1111/cch.12677>
- Hidalgo, M. V., Menéndez, S., Sánchez, J., López, I., Jiménez, L. y Lorence, B. (2005). *Inventario de Situaciones Estresantes y de Riesgo (ISER)* [Documento não publicado]. Universidade de Sevilla, Espanha.
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Ed.), *Handbook of Parenting. Theory and Research for Practice* (pp.1-18). Sage Publications.
- Holloway, S. D., Campbell, E. J., Nagase, A., Kim, S., Suzuki, S., Wang, Q., Iwatate, K., & Baak, S. Y. (2016). Parenting Self-Efficacy and Parental Involvement: Mediators or Moderators Between Socioeconomic Status and Children's Academic Competence in Japan and Korea? *Research in Human Development*, 13(3), 258–272. <https://doi.org/10.1080/15427609.2016.1194710>
- Jiménez, L., Dekovic, M., & Hidalgo, V. (2009). Adjustment of school-aged children and adolescents growing up in at-risk families: Relationships between family variables and individual, relational and school adjustment. *Children and Youth Services Review*, 31 (6), 654-661. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2008.12.007>
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical and Child Psychology*, 18, 167-175. https://psycnet.apa.org/doi/10.1207/s15374424jccp1802_8
- Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical psychology review*, 25(3), 341-363. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004>

- Kaasbøll, J., Thaulow, K., & Reedtz, C. (2024). Parenting sense of competence and associated factors among parents facing adversity in Norway: a cross-sectional study. *Children and Youth Services Review*, 163, 107806. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2024.107806>
- Krutzinna, J., & Skivenes, M. (2021). Judging parental competence: A cross-country analysis of judicial decision makers' written assessment of mothers' parenting capacities in newborn removal cases. *Child & Family Social Work*, 26(1), 50–60. <https://doi.org/10.1111/cfs.12788>
- López, I., Menéndez, S., Lorence, B., Jiménez, L., Hidalgo, V., & Sánchez, J. (2007). Evaluación del apoyo social mediante la escala ASSIS: descripción y resultados en una muestra de madres en situación de riesgo psicosocial. *Intervención Psicosocial*, 16(3), 323-337. <https://scielo.isciii.es/pdf/inter/v16n3/v16n3a03.pdf>
- Mammen, O., Kolko, D., & Pilkonis, P. (2003). Parental Cognitions and Satisfaction: Relationship to Aggressive Parental Behavior in Child Physical Abuse. *Child Maltreatment*, 8(4), 288–301. <https://doi.org/10.1177/1077559503257112>
- Martín Quintana, J. C., Alemán Falcón, J., Marchena Gómez, M. R., & Santana Hernández, R. (2015). La educación parental grupal como recurso para fomentar las competencias parentales en familias cuyos hijos e hijas están en situación de riesgo de abandono escolar temprano. *Libro de Actas del 3rd International Congress of Educational Sciences and Development*, San Sebastian. <http://hdl.handle.net/10553/119696>
- Martín, J.-C., Máiquez, M.-L., Rodrigo, M.-J., Correa, A.-D., & Rodríguez, G. (2004). Evaluación del programa “Apoyo personal y familiar” para madres y padres en situación de riesgo psicosocial. *Infancia Y Aprendizaje*, 27(4), 437–445. <https://doi.org/10.1174/0210370042396887>
- Masten, A. S., & Shaffer, A. (2006). How Families Matter in Child Development: Reflections from Research on Risk and Resilience. In A. Clarke-Stewart & J. Dunn (Eds.), *Family Counts: Effects on Child and Adolescent Development* (pp. 5–25). Cambridge University Press.
- Menéndez, S., Hidalgo, M. V., Jiménez, L., Lorence, B., & Sánchez, J. (2010). Perfil psicosocial de familias en situación de riesgo. Un estudio de necesidades con usuarias de los Servicios Sociales Comunitarios por razones de preservación familiar. *Anales de Psicología*, 26 (2), 378-389. <https://doi.org/10.6018/analesps>
- Nunes, C. & Ayala-Nunes, L. (2019). O Maltrato Infantil. In C. Nunes & L. Ayala-Nunes (Eds.), *Famílias em Risco – Avaliação e Intervenção Psicoeducativa* (pp. 41-54). Sílabas & Desafios.
- Nunes, C., & Ayala-Nunes, L. (2017). Parenting sense of competence in at psychosocial risk families and child well-being. *Bordón*, 69(1), 155–168. <https://doi.org/10.13042/Bordon.2016.48589>

- Nunes, C., & Lemos, I., (2010). *Acontecimentos de vida negativos. Versão portuguesa dos Acontecimientos Vitales Estresantes de Oliva, Jiménez, Parra e Sanchez-Queija (2008)* [Documento não publicado]. Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- Nunes, C., Ayala-Nunes, L., Ferreira, L. I., Pechorro, P., Freitas, D., Martins, C., & Santos, R. (2023). Parenting sense of competence: Psychometrics and invariance among a community and an At-Risk samples of Portuguese parents. *Healthcare*, 11(1), 15. <https://doi.org/10.3390/healthcare11010015>
- Nunes, C., Ayala-Nunes, L., Martins, C. & Gonçalves, A. (2019). As famílias em risco psicossocial no Algarve. In C. Nunes & L. Ayala-Nunes (Eds.), *Famílias em Risco – Avaliação e Intervenção Psicoeducativa* (pp. 127-144). Sílabas & Desafios.
- Nunes, C., Jiménez, L., Menéndez, S., Ayala-Nunes, L., & Hidalgo, V. (2016). Psychometric properties of an adapted version of the parental sense of competence (PSOC) scale for Portuguese at-risk parents. *Journal Child & Family Social Work*, 21, 433–441. <https://doi.org/10.1111/cfs.12159>
- Oliveira, D. M., & Rodrigues, L. S. (2020). Perceção sobre os Conhecimentos, Habilidades/Competências e Aptidões dos Profissionais da Informação: uma comparação de realidades. *Páginas A&b: Arquivos & Bibliotecas*, 2020, 89–104. <https://doi.org/10.21747/21836671/pag2020a7>
- Pérez, J., Lorence, B., & Menéndez, S. (2010). Estrés y competencia parental: un estudio con madres y padres trabajadores. *Suma Psicológica*, 17(1), 47-57. <http://www.scielo.org.co/pdf/sumps/v17n1/v17n1a4.pdf>
- Pérez-Padilla, J., Ayala-Nunes, L., Hidalgo, M. V., Nunes, C., Lemos, I., & Menéndez, S. (2017). Parenting and stress: A study with Spanish and Portuguese at-risk families. *International Social Work*, 60(4), 1001–1014. <https://doi.org/10.1177/0020872815594220>
- Pike, A., Atzaba-Poria, N., & Kretschmer, T. (2016). Predictors of Parenting: Family-Wide and Child-Specific Factors. *Parenting*, 16(3), 147–163. <https://doi.org/10.1080/15295192.2016.1158599>
- Reichman, N. E., Teitler, J. O., Garfinkel, I., & McLanahan, S. S. (2001). Fragile families: Sample and design. *Children and Youth Services Review*, 23(4-5), 303-326. https://ffcws.princeton.edu/sites/g/files/toruqf4356/files/documents/reichman_et_al_2001.pdf
- Rodrigo, M. J., Martín, J. C., Cabrera, E., & Máiquez, M. L. (2009). Las competencias parentales en contextos de riesgo psicossocial. *Intervención Psicosocial*, 18(2), 113-120. <https://scielo.isciii.es/pdf/inter/v18n2/v18n2a03.pdf>
- Rogers, H., & Matthews, J. (2004). The parenting sense of competence scale: Investigation of the factor structure, reliability, and validity for an Australian sample. *Australian Psychologist*, 39(1), 88-96. <https://doi.org/10.1080/00050060410001660380>
- Rose, J., Roman, N., & Mwaba, K. (2018). Circle of Security parenting program efficacy for improving parental self-efficacy in a South African setting: Preliminary evidence. *Journal of Psychology in Africa*, 28(6), 518–521. <https://doi.org/10.1080/14330237.2018.1523308>

- Scannell, C. (2021). Parenting - Studies by an Ecocultural and Transactional Perspective. In L. Benedetto & M. Ingrassia (Eds.), *Parenting - Studies by an Ecocultural and Transactional Perspective* (pp. 167–183). IntechOpen. <https://doi.org/10.5772/intechopen.91735>
- Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M. F., Antunes, N., & Roque, V. (2015). Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC): Estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 97–106. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1401.11>
- Shao, M., He, W., Zhao, L., & Su, Y.-S. (2022). The Influence of Parental Involvement on Parent Satisfaction: The Moderating Effect of Parental Educational Level and the Number of Children. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.752802>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. (2019). *Using multivariate statistics* (7th ed.). Boston Pearson.
- Teti, D. M., & Gelfand, D. M. (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: The mediational role of maternal self-efficacy. *Child Development*, 62 (5), 918-929. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01580.x>
- You, J.-H., & Bae, S.-M. (2024). The moderating effect of parenting efficacy on the relationship between child's temperament and parental depression. *Children and Youth Services Review*, 157, 107403. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2023.107403>